

## COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA

# O PAPEL DO DOCUMENTÁRIO NO CURSO DE JORNALISMO DA UFSC: UMA DEFINIÇÃO POSSÍVEL PARA OS TCCS NESTE FORMATO

**Caroline Westerkamp Costa; westerkamp@gmail.com<sup>1</sup>**  
**Flávia Guidotti; flaviagguidotti@gmail.com (orientadora)<sup>2</sup>**

### RESUMO

Este artigo se concentra nos resultados da dissertação de mestrado que traçou um panorama histórico da realização de documentários no Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina desde 1982 até 2021. O documentário tem se consolidado como uma das principais narrativas escolhidas por estudantes do Curso de Jornalismo da UFSC para seus Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs). Entre 2011 e 2021, a produção desse formato cresceu 3x em comparação com a primeira década do curso (1982-1992), superando as videoreportagens, tradicionalmente associadas ao jornalismo. A investigação adota a metodologia da História Oral, com depoimentos de professores e egressos, além de realizar uma análise documental para mapear as produções. O estudo justifica-se ao contribuir para a preservação do acervo audiovisual do curso, destacando o documentário como um formato que permite experimentação e inovação no jornalismo. Os resultados permitiram criar um conceito de documentário possível dentro do contexto universitário, auxiliando alunos, professores e orientadores na definição destes tipos de trabalho.

### PALAVRAS-CHAVE

documentário. jornalismo. TCCs.

## 1. INTRODUÇÃO

O documentário tem sido amplamente adotado por estudantes e profissionais como uma forma de contar histórias. No Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), a produção de documentários como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) cresceu 3x entre 2011 e 2021 em relação à primeira década do curso (1982-1992). Esse crescimento levanta a questão central desta pesquisa: Qual o papel do documentário dentro do Curso de Jornalismo da UFSC?

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Jornalismo na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

<sup>2</sup> Professora adjunta do Departamento de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

O estudo traça um panorama histórico da produção de documentários no curso desde sua primeira turma em 1982, analisando fases significativas desse crescimento e seu fortalecimento como prática. A metodologia adotada combina a História Oral (Meihy; Seawright 2020) com entrevistas de professores e egressos, e a Análise Documental (Duarte, 2009), permitindo mapear e compreender o desenvolvimento dessa produção acadêmica.

A pesquisa justifica-se por oferecer um panorama histórico sistematizado da produção documental nos TCCs do curso, servindo como referência para professores e estudantes. Além disso, busca evitar a perda de acervo audiovisual, valorizando essas produções como parte da história do curso. O TCC representa um meio pelo qual os futuros jornalistas podem testar seus conhecimentos e habilidades, funcionando também como portfólio para ingresso no mercado de trabalho. Dessa forma, a realização de documentários reflete a busca dos estudantes por inovação e criatividade, alinhando-se ao conceito de "tratamento criativo para a realidade", característico do gênero documental. O objetivo geral da pesquisa é: (I) evidenciar as características da produção documental dentro do Curso de Jornalismo da UFSC a partir do mapeamento de dos TCCs e das memórias de professores e egressos; (II) formular um conceito de documentário adaptado ao contexto universitário, auxiliando estudantes e docentes na definição de seus trabalhos finais.

A história do jornalismo e do documentário está interligada ao longo dos anos, influenciando-se mutuamente. No contexto da UFSC, essa conexão se fortaleceu devido à relação próxima entre o Curso de Cinema e o Curso de Jornalismo. Criado em 1979, durante a ditadura militar, o Curso de Jornalismo da UFSC foi inicialmente vinculado ao Curso de Comunicação Social e seguiu o Currículo Mínimo de 1978, comum às habilitações de Jornalismo, Publicidade, Relações Públicas e Cinema. Com o tempo, houve debates sobre a estruturação curricular, culminando na separação definitiva entre Jornalismo e Comunicação Social nos anos 2000.

A regulamentação do TCC em Jornalismo na UFSC seguiu as diretrizes estabelecidas pelo Conselho Nacional de Educação (CNE) em 2013, que previa que o trabalho final pode ser um produto prático de cunho jornalístico ou uma reflexão teórica. O regulamento da UFSC define o TCC como um trabalho de Prática Editorial ou uma Monografia sobre temas jornalísticos, consolidando os conhecimentos adquiridos ao longo do curso. Esse regulamento reforça a importância do TCC como experiência acadêmica e profissional, destacando o papel

do documentário como formato relevante dentro dessa trajetória acadêmica. A pesquisa visa contribuir para uma maior compreensão sobre o crescimento da produção documental nos TCCs do Curso de Jornalismo da UFSC, consolidando sua importância tanto no contexto acadêmico quanto no mercado de trabalho. Ao mapear e documentar essa produção, a pesquisa contribui para o ensino do jornalismo, à medida que indica um conceito de documentário possível dentro do contexto universitário, auxiliando alunos, professores e orientadores na definição do trabalho final do curso.

## 2. HISTÓRIA ORAL NA PESQUISA EM JORNALISMO

A pesquisa aborda as histórias de pessoas que compartilharam tempos e espaços dentro da universidade, revelando assim o movimento na produção de TCCs em documentário no Curso de Jornalismo da UFSC. “Para ser considerada método, a história oral como expressão das entrevistas precisa ser ressaltada como o nervo da pesquisa e é sobre elas que os resultados são efetivados.” (Meihy, 1998, p. 19). Neste sentido, apesar de termos utilizado também documentos (os próprios TCCs) em nossa análise na dissertação de mestrado que deu origem a este artigo, a memória e experiência de vida de professores e estudantes de jornalismo foi utilizada como matéria-prima essencial. Para a seleção dos colaboradores é necessário, segundo Meihy (1998), o estabelecimento de uma colônia, ou seja, uma coletividade que possui uma experiência em comum, sendo na sequência estabelecida uma rede (subdivisão da colônia) por meio das suas características mais particulares. Por ser difícil estabelecer prioridades para a escolha dos entrevistados, o autor sugere que seja definida uma entrevista chamada de ponto zero. O ponto zero seria o entrevistado que conhece a história geral do assunto e que pode indicar outras pessoas que fazem parte da colônia. Em nossa pesquisa, a colônia representa integrantes do curso de Jornalismo da UFSC e as redes foram criadas a partir da subdivisão dos colaboradores entre professores e alunos. O ponto zero da nossa pesquisa foi o professor Fernando Crocomo, escolhido tanto por sua trajetória tanto como discente do curso quanto como professor ligado ao audiovisual desde os anos 1990. No entanto, para escolha das outras fontes que se tratavam de professores, foi utilizado o critério quantitativo de número de orientações, ou seja, os professores que mais orientaram documentários ao longo dos 40 anos de curso foram convidados para colaborar com a pesquisa.

Depois de tratados, os dados passaram pela fase de interpretação guiada pela história oral híbrida, quando fontes de naturezas diversas são confrontadas com intuito analítico.

É o **contraditório** que permite superar a constatação de fatos, e, principalmente no caso da história oral híbrida mostrar posições e argumentos analisáveis decorrentes do comportamento dos colaboradores que pode ser colocado em perspectiva de diálogo com a historiografia. (Meihy; Seawright, 2020, p.49, grifos dos autores)

Em relação à coleta e tratamento dos dados documentais, o processo foi utilizado como técnica importante que ajudou na compreensão da conjuntura histórica da produção de documentários entre o período de tempo (1982-2021), esclarecendo e ressaltando algumas características. Também colaborou para dar subsídios de informação para o diálogo que fora proposto junto às fontes orais no segundo momento. De acordo com Duarte (2006, p. 272), as técnicas de Análise Documental ajudam a localizar, identificar, organizar e apreciar materiais para um determinado fim e colaborou no mapeamento inicial dos documentários em TCCs.

Foram coletados, organizados e categorizados entre julho de 2021 e novembro de 2021 um total de 314 TCCs em vídeo, sendo 165 documentários, 89 videoreportagens e 60 outros tipos de vídeo. As videoreportagens e documentários dos quais tive acesso, foram assistidos na íntegra entre o período de dezembro de 2021 a setembro de 2022, sendo realizadas anotações gerais sobre cada trabalho, compiladas em apêndice na dissertação de mestrado. Mas, porque os estudantes escolhem documentários?

### 3. O DOCUMENTÁRIO COMO TCC DE JORNALISMO

O documentário passou a ocupar formalmente, dentro do Curso de Jornalismo da UFSC, um determinado espaço que já vinha sendo requerido pelos alunos.

Eu comecei fazendo o meu TCC e pensei “eu acho que é um documentário” e não houve esse questionamento a questão no formato, nem por parte do meu orientador. A gente foi levando como um documentário e na hora da banca eu fui questionada e não soube responder. (MAXIMIANO, 2022, egressa de 2017)

Eu sempre quis fazer um documentário porque na faculdade ensinavam a gente a fazer reportagem de TV. Acho que fazer um documentário partiu

dessa vontade de fazer algo diferente e de eu achar que eu não me encaixava no telejornalismo tradicional. (GREVE, 2022, egressa de 2017)

Antes de definir o tema, eu já tinha essa inclinação para fazer um documentário. (MOYA, 2022, egressa de 2021)

Na época de fazer o TCC, você tinha que escolher se você fazia uma reportagem em texto, se você fazia um projeto gráfico ou uma reportagem em vídeo, eu não lembro de ter essa opção de documentário, então era mais uma questão de nomenclatura. Hoje, eu definitivamente acho que a gente fez um documentário.[...] (KNIHS, 2022, egresso de 2009)

As técnicas, métodos, normas e convenções do documentário que ajudam a caracterizá-los são muito variadas. Podemos citar algumas mais utilizadas como: uso do comentário com voz de Deus (voz *over*), entrevistas, cortes para explicações que podem ser realizadas com letterings, dados em caracteres, encenações, ilustrações, animações, fotos que reforçam a informação, depoimentos de pessoas anônimas como personagens para preservar a identidade das pessoas cujas histórias verdadeiras são o centro da narrativa. Segundo João Moreira Salles (2004), é a imaginação narrativa que deve ser observada no documentário pois ela não apenas descreve, mas constrói.

[...] desde Flaherty<sup>3</sup> podemos dizer que todo documentário encerra duas naturezas distintas. De um lado é o registro de algo que aconteceu no mundo; de outro lado, é narrativa, uma retórica construída a partir do que foi registrado. Nenhum filme se contenta em ser apenas registro. Possui também a ambição de ser uma história bem contada. Essa oscilação entre documento e representação constitui o verdadeiro problema do documentário. Há mais de sessenta anos, John Grierson forneceu uma das definições mais clássicas de documentário. Segundo ele, o documentário era “o tratamento criativo da realidade”. (Salles, 2004, p.7)

Altamente complexo em sua conceituação, o documentário tem provocado inúmeros teóricos do cinema que nos ajudam a compreendê-lo e diferenciá-lo de outros gêneros. Nichols (2005, p. 26) afirma que “[...] todo filme é um documentário. Mesmo a mais extravagante das ficções evidencia a cultura que a produziu e reproduz a aparência das pessoas que fazem parte dela”. Os documentários representam de forma tangível, aspectos do mundo que ocupamos e conhecemos, tornando visível e audível, a matéria que constitui a

---

<sup>3</sup>Robert Joseph Flaherty é considerado um dos pais do documentário, o primeiro a fazer docuficção (Moana, 1926) e um breve apanhado histórico sobre a gênese do documentário será apresentado no subcapítulo 1.3

realidade social, de acordo com a seleção e a organização que o documentarista faz para a construção da sua história. (Nichols, 2005).

Noel Carroll (2005), considerou que o termo documentário - adotado por John Grierson - não ampara as mudanças na prática da produção de documentários ao longo dos anos e então chegou ao conceito de cinema de asserção pressuposta, que está intimamente ligada à resposta que o público dá diante de um filme. Os documentários partem daquilo que é verossímil, plausível, acreditável, do não-inventável, sendo desse modo, assertivos. De acordo com Carroll (2005) é a rede de sentidos resultante de uma intenção autoral, que orienta os espectadores a interpretarem de modo assertivo ou não-assertivo uma obra, sendo os traços históricos, - que o espectador relaciona com as imagens que vê - provas da realidade que a câmera registrou, fruto de tal intenção. Este movimento de indexação, que nos estudos de Carroll (2005) é usado no cinema documentário para indicar as intenções assertivas dos realizadores da obra e seus efeitos na recepção do público, colabora com a ideia de Indexação Social de Fernão Pessoa Ramos (2008) que resultado da interação de forças sociais. “A intenção documentária do autor/cineasta, ou da produção do filme, é indexada através de mecanismos sociais diversos, direcionando a recepção” (Ramos, 2008, p. 27).

De modo geral, as narrativas dos documentários já chegam classificadas para o público, seguindo a intenção do seu autor. (Ramos, 2008). Desta maneira a Indexação Social

[...] determina de modo inexorável sua fruição e seu pertencimento ao campo ficcional ou documentário [...] Podemos dizer que a definição de *documentário* se sustenta em duas pernas, estilo e intenção, que estão em estreita interação ao serem lançadas ao campo de fruição espectral, que as percebe como próprias de um tipo narrativo [...] (Ramos, 2008, p. 27, grifo do autor)

A distinção que faz o espectador, é resultado de anos de convenções narrativas cinematográficas que contribuíram para que ficção e documentário construíssem compromissos e tomassem posturas diferentes diante de quem os assiste.

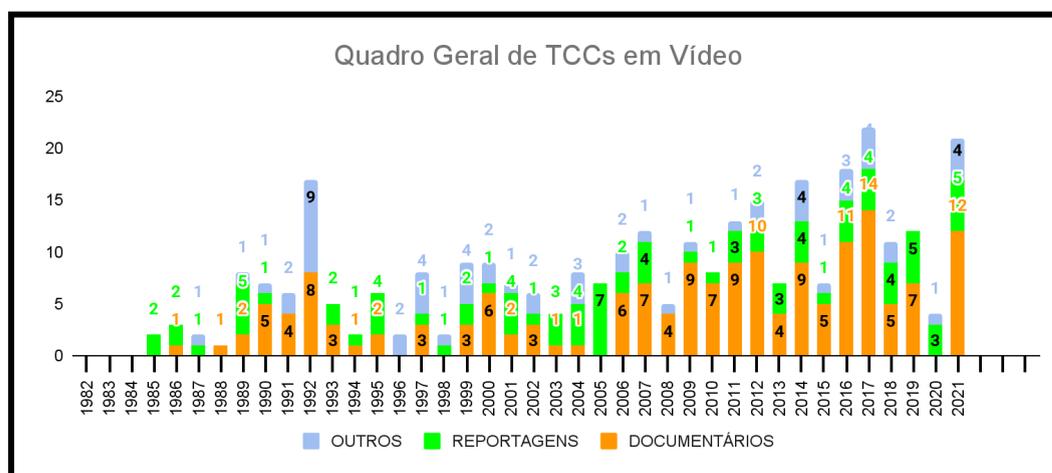
Considerando o que foi caracterizado pelos estudantes em seus respectivos relatórios e a partir do cruzamento de quatro bancos de dados<sup>4</sup>, chegamos a quantidade de 164 TCCs que

---

<sup>4</sup> Repositório Institucional, Hemeroteca, Labele, Cartazes de Bancas do Curso de Jornalismo UFSC disponíveis no Relatório final do projeto Inserção dos TCCs de Jornalismo no Repositório.

foram apresentados como documentário indicados com a cor laranja, 89 TCCs nomeados como Videoreportagens indicados com a cor verde. Houveram ainda, 61 TCCs que foram codificados como “Outros” e indicados na cor azul, abrangendo filmes de ficção, experimentais, canais de Youtube, reportagens multimídia, programas de TV, institucionais e educativos, totalizando 314 TCCs de jornalismo em vídeo no período 1982 a 2021.

**GRÁFICO 1: QUADRO GERAL DE TCCS EM VÍDEO (1982-2021)**



Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2022)

O gráfico acima reflete o mapeamento realizado ano a ano e mostra a evolução da produção de vídeos em TCCs de Jornalismo da UFSC. Se nos concentrarmos nos documentários veremos que desde 1982, foram produzidos e nomeados como tais, 164 documentários em TCCS. O ano com maior incidência de documentários foram os anos de 2017 e 2021 com 14 e 12 produções, respectivamente. É possível verificar ainda que a realização de documentários cresceu mais de 3x na última década, se comparado aos primeiros dez anos de curso após o ano de 1982, quando se forma a primeira turma.

O primeiro TCC definido como documentário em vídeo do Curso de Jornalismo foi produzido por Isabel Orofino em 1986, realizado nos estúdios da antiga TV Executiva da Telesc. O trabalho intitulado “Santo de Casa: documentário sobre Franklin Cascaes”, trata da história de Franklin Cascaes, antropólogo e pesquisador da cultura açoriana em Florianópolis.

**FIGURA 1: PRIMEIRO DOCUMENTÁRIO REALIZADO EM TCC (1986)**



Fonte: Labtele/UFSC (2022)

Era muito comum o documentário como história, talvez hoje a gente esteja vendo que existam outros formatos de documentário que não só pela questão histórica. Na maioria eu acho que o documentário entrou ali tradicional mesmo porque tinha um apelo histórico. Às vezes os alunos colocavam no relatório o que eles achavam. Hoje eu me atento mais para isso, até porque hoje tem uma diversidade maior de tipos de vídeo e de formatos. (CROCOMO, 2022, professor)

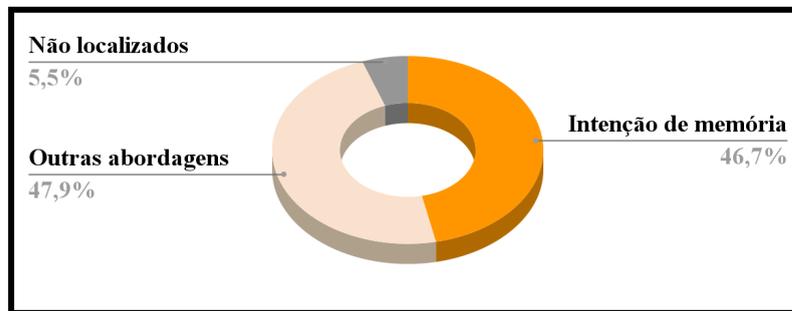
Eu acho um pouco difícil você classificar ou categorizar, mas acho que a essência é o registro histórico ou circunstancial, se for um tema contemporâneo, restrito ao objeto retratado. (MORAES, 2022, professor)

Mesmo que você vá trabalhar com algo que já aconteceu do passado, do ponto de vista do jornalismo, você reconta essa história ou por testemunhas ou por reconstituições históricas que podem ser por desenho animado, por fotografia. Mas você está sempre fundado naquela perspectiva do real, do acontecido ou da busca mais próxima daquela realidade ou da daquele acontecimento, então você ainda está com o pé no jornalismo e nessa perspectiva você faz reportagem, você ainda é repórter. (EMERIM, 2022, professora)

Eu acho que é uma questão de tempo também. A gente nunca discutiu muito a questão do documentário, a gente sempre discutiu mais a reportagem. O documentário é aberto e várias pessoas de várias áreas se apropriaram do documentário. Já reportagem é uma coisa muito do jornalismo, já está consolidada no jornalismo. (CROCOMO, 2022, professor)

Na pesquisa evidenciamos que ao longo da produção de documentários feitos no curso de Jornalismo da UFSC, 47% apresentaram uma intenção e abordagem histórica, ou seja, tinham o desejo de fazer o uso do passado para construir suas narrativas. Assim chegamos a quantidade de 77 TCCs que possuem o caráter documental histórico e de produção de memória, intencionalmente.

### GRÁFICO 3: INTENÇÃO HISTÓRICA NOS DOCUMENTÁRIOS DE 1982 A 2021



Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2022)

Parece que estes produtos que eles fazem em formato de documentário são produtos que podem ser atraentes por um tempo muito maior, então como ele não é tão factual ele acaba tendo esse rompimento com os fatos que estão acontecendo agora e se tornam muito mais facilmente história com o passar dos anos. (GUIDOTTI, 2022, professora)

Quando falamos da ideia do nosso TCC para a nossa orientadora, a Aglair, ela nos deu uma carta muito aberta assim para que a gente pudesse desenvolver aquilo que a gente achava interessante e eu sabia que dentro da estrutura do nosso curso isso poderia ser um pouco, digamos assim, não preencher os requisitos de uma grande reportagem em vídeo. (KNIHS, 2022, egresso de 2010)

Talvez hoje eu esteja mais voltado para entender esse documentário, essa evolução do documentário que é diferente da reportagem. (CROCOMO, 2022, professor)

Na revisão da literatura, não existe uma definição padrão para o que seja o documentário, pois as maneiras de construí-lo são variadas, entretanto, tomamos como perspectiva inicial, a visão de defendia John Grierson, que entendia o documentário como um

tratamento criativo da realidade. A partir disso, buscamos nas memórias e experiências dos professores, descrever a essência de um TCC em documentário.

Acho que a definição mais clássica de documentário em vídeo é aquele que procura retratar algum determinado fenômeno, ou seja, uma circunstância histórica contemporânea ou a partir de algum personagem, mas é o registro mais próximo possível daquela condição de realidade, precisa se concentrar no contexto do objeto. (MORAES, 2022, professor)

O que acontece muitas vezes é que ao longo do curso os alunos da UFSC, como eles têm muita experiência com produção audiovisual, eles chegam no TCC querendo fazer algo diferente e aí vem a proposta documentário como algo antagônico da reportagem ou algo que lhe dá uma liberdade diferenciada da reportagem. (EMERIM, 2022, professora)

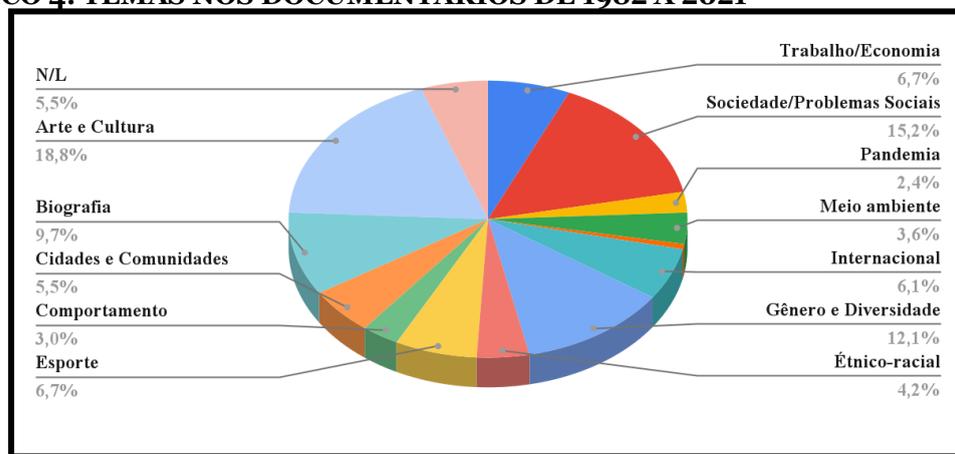
[...] acho que aí é que está a grande diferença mesmo do documentário e da reportagem é que o documentário não precisa escutar todos os lados, ele pode ser algo mais autoral algo mais opinativo e é engraçado porque isso no audiovisual é um pouco discriminado mas no texto não, inclusive as disciplinas de redação dentro do curso ao longo dos semestres, vão ficando mais flexíveis, mas opinativas, mais criativas, mais literárias e parece que o audiovisual tem um certo bloqueio de caminhar, de fazer esse percurso para o mais criativo, para o mais autoral, para o que é diferente. (GUIDOTTI, 2022, professora)

Os alunos ficam mais ligados no documentário, mas a reportagem é tão rica quanto o documentário. O documentário no meu entendimento é mais uma questão de posicionamento do diretor de quem produz. Acho que a palavra documentário também é um pouco mais atrativa para os alunos, talvez no documentário ele se sinta mais livre, só lembrando que na reportagem ele pode fazer muita coisa. A questão do documentário para mim é mais experimentação do que a reportagem que já tá mais dentro das regras do jornalismo, acho que é isso que está em jogo na hora dos alunos decidirem (CROCOMO, 2022, professor)

Os estudantes do Curso de Jornalismo da UFSC têm a possibilidade de desenvolver seus produtos finais abordando quaisquer temas. A abordagem temática dos trabalhos de conclusão são heterogêneos passando por questões trabalhistas, problemas sociais, comportamentos, arte, cultura, questões étnicas e raciais, questões de gênero e diversidade, política, saúde, esporte, pautas internacionais, educação, marginalidade, entre outros. O gráfico a seguir nos mostra que o principal tema tratado nos trabalhos de conclusão de curso

no período de 1982 a 2021 foi Arte e Cultura representando quase 20% de toda a produção do período.

**GRÁFICO 4: TEMAS NOS DOCUMENTÁRIOS DE 1982 A 2021**



Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2022)

Os colaboradores docentes da nossa pesquisa estão entre os professores que mais orientam TCCs em vídeo, além daqueles que mais participam em bancas de conclusão de curso com trabalhos realizados em vídeo. De acordo com o mapeamento, somando os documentários e a reportagens em vídeo, o professor que mais orientou TCCs em vídeo foi o Prof. Dr. Fernando Crocomo, totalizando 66 orientações exclusivas e quatro co-orientações, um percentual de 27,6% sobre toda a produção consultada.

**TABELA 1: ORIENTAÇÕES DE REPORTAGENS E DOCUMENTÁRIO DE 1982 A 2021**

Professor(a)	Orientações Documentário	Orientações Reportagem em vídeo	Co-orientações	Total
Fernando Crocomo	41	25	4	70
Cárlida Emerim	11	17	1	29
Aglair Bernardo	17	6	3	26

Áureo Moraes	6	9	1	16
Flávia Guidotti	10			10
				151

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2022)

Se nos concentrarmos apenas nos documentários em vídeo, vamos perceber que o Prof. Dr. Fernando Crocomo é o docente que concentra a maior ocorrência, totalizando 25% de orientações. Para finalizarmos junto aos nossos colaboradores docentes, buscamos informações quanto às ações de ensino voltadas especificamente para o documentários dentro do curso da UFSC.

Eu criei uma disciplina para tentar clarear o que é documentário e o que é reportagem, para assistir e analisar documentários e reportagens já dei várias vezes essa disciplina, o nome da disciplina era Tópicos Especiais, outra vez foi chamada de Análises de reportagens e documentários, mas no geral era “tópicos especiais número tal”. Depois foi criada uma disciplina fixa opcional Documentário e Jornalismo [JOR6019], talvez eu ofereça agora [em 2022] de novo. (CROCOMO, 2022, professor)

Sempre teve essa discussão, nós estamos hoje com três currículos funcionando. No currículo anterior a esse, foi o primeiro currículo que tinha como disciplina optativa a JOR 6019 que quase sempre é o Fernando que ministra, a partir dos documentários produzidos no curso inclusive, ele [Fernando Crocomo]convida os egressos para apresentar os seus documentários e recentemente ele fez um projeto de extensão discutindo exatamente Documentário e Jornalismo e trazendo uma discussão em cima do Eduardo Coutinho e do José Hamilton Ribeiro. (EMERIM, 2022, professora)

É muita oferta é muita coisa para ver então como esses jovens consomem muito conteúdo dessa maneira eu imagino que eles queiram produzir isso também nos seus tccs finais, é uma tendência.[..] Eu acho que vai ser inevitável nós inserimos uma disciplina obrigatória que consiga dar conta dessa grande demanda dos alunos por produção de outros formatos audiovisuais além da videorreportagem. (GUIDOTTI, 2022, professora)

A disciplina optativa mencionada pelos professores, se chama Documentário e Jornalismo [JOR6019], que apesar de existir desde o currículo de 1996, só foi ofertada duas vezes<sup>5</sup> com esse nome no decorrer da história do Curso de Jornalismo da UFSC. A ementa

<sup>5</sup> Informação fornecida e confirmada pelo Departamento de Jornalismo da UFSC em 12 de janeiro de 2022. No segundo semestre de 2022 a disciplina foi oferecida mais uma vez pelo professor Fernando Crocomo, no entanto

aborda a estrutura, formas de construção narrativa e produção de documentários audiovisuais para diferentes suportes e tem carga horária de 72 horas/aula. No conteúdo são tratados conceitos como notícia, reportagem, documentário, ausência e presença de off, apuração, produção, direitos autorais e edição. Estiveram à frente dessa disciplina os professores Fernando Antônio Crocomo (Semestre 2017/1) e Antônio Claudio Brasil (Semestre 2018/2). Foi verificado que dos 50 acadêmicos que passaram pela disciplina, 14 deles optaram por realizar documentários em seus TCCs, oito (8) realizaram reportagens em vídeo, dois (2) estudantes produziram programas de TV e os demais optaram por outros formatos não audiovisuais.

## 5. REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA E UMA CONCEITUAÇÃO POSSÍVEL

A análise dos relatos de experiência e do mapeamento da produção de TCCs em documentário no curso entre 1982 e 2021 permitiu identificar três questões centrais. A primeira é a intencionalidade histórica pois o documentário é um meio de disseminação de conhecimento histórico, comum em iniciativas como ensino, museus e projetos culturais. No jornalismo, os Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs) frequentemente utilizam essa linguagem para compreender o passado e registrar o tempo presente. A segunda questão é a experimentação. O documentário se caracteriza por uma mobilidade formal e narrativa, ora próxima da reportagem (entrevistas encadeadas, ausência de off e passagens), ora distante. O modelo predominante busca "dar voz" às fontes sem grandes interferências. O terceiro ponto é relacionado ao ensino do documentário pois existe uma grande demanda. Os alunos querem fazer documentários mas não sabem exatamente como, e acabam imprimindo as mesmas premissas utilizadas na reportagem de televisão<sup>6</sup>. “Eu sabia que o documentário era diferente, que ele tinha uma linguagem própria, eu só não sabia fazer [...]”, relatou uma egressa. A

---

não entrou no recorte temporal da pesquisa. Durante o curso existiram outras disciplinas optativas de cinema, reportagem em vídeo, comunicação e afins que estabeleciam diálogo com o documentário chamadas de Tópicos Especiais.

<sup>6</sup> É possível fazer reportagem sem passagem e off, pois de fato, não existe nenhuma regra que a reportagem é obrigada a ter estes elementos. Porém na televisão você não vê diferente do que a receita manda. A videorreportagem é concebida para a televisão.

disciplina optativa para discutir especificamente a teoria e a prática do documentário existe, porém é pouco ofertada.

O mapeamento e os relatos orais demonstram que entre 1982 até os anos 2000, os documentários produzidos eram marcados por forte experimentalismo e subjetividade, alternando entre linguagens poéticas e críticas. Nesse período, é perceptível uma tendência à mistura intensa de elementos, como a interposição de entrevistas com extensos trechos da programação televisiva. Um traço recorrente é a exposição direta das identidades dos personagens retratados — prostitutas, internos de clínicas de reabilitação psicológica, crianças em orfanatos, pessoas em situação de rua, indivíduos com deficiências físicas e adolescentes grávidas. Observa-se que não havia ainda uma preocupação em resguardar a imagem dos entrevistados: os TCCs em vídeo exibiam rostos e corpos, independentemente da idade ou condição. Estas características mais críticas, no entanto, vão perdendo força no final dos anos 1990 e no ano 2000 a produção de documentário se volta para as questões culturais e históricas locais.

A partir dos anos 2000, observa-se uma tendência ao minimalismo e a uma maior delimitação temática nos documentários produzidos pelos estudantes. Nota-se também o esforço dos alunos em se distanciar do modelo tradicional do telejornalismo, buscando formatos híbridos de narrativa — traço que possivelmente dialoga com influências do Documentário Brasileiro Contemporâneo. Outro ponto marcante é o crescimento expressivo da produção de TCCs em formato de documentário, superando outras modalidades como reportagens ou vídeos institucionais. Esse movimento indica que o documentário se consolidou como uma escolha definitiva e promissora dentro do curso, estimulando os estudantes a explorarem a criatividade e a experimentação narrativa. Muitos alunos se inspiraram na obra de Eduardo Coutinho, referência no documentário brasileiro, conhecido por romper com a lógica expositiva e didática do gênero. Seguindo essa influência, os estudantes buscaram eliminar a narração em off e valorizaram a escuta, colocando-se diante das pessoas para ouvir suas histórias com atenção e empatia.

Como mencionamos, o documentário é um gênero aberto, sempre à espera de olhares novos, sempre à serviço da criatividade e sensibilidade de quem os produz. No entanto, após a

pesquisa percebemos que os estudantes de Jornalismo devem compreender que o documentário no TCC de jornalismo, alinha valores estéticos com valores jornalísticos que “não devem ser percebidos como dicotomias, mas podem ser abordados como extremos do mesmo espectro, com um discurso de um lado mais objetivos possíveis e, de outro, uma arte pura (Deuze; Postema, 2020).

Apoiada em Sbragia (2020) que afirma que “[...] o documentário é prisioneiro apenas do fato e do argumento” (Sbragia 2020, p. 70) e na tentativa de buscar uma conceituação de documentário para o contexto universitário que auxilie alunos, professores e orientadores, **chegamos a seguinte definição:** O documentário jornalístico no contexto acadêmico é a narrativa construída a partir de uma ligação entre as evidências encontradas pelos estudantes de jornalismo e a maneira que ele enxerga a realidade, equilibrando a apuração jornalística, as fontes da notícia e a criatividade ao narrar, sob o seu olhar e a sua autoria, aquilo que foi verificado na realidade, pois a obra (TCC) se torna reflexo do seu realizador.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A fim de responder nossa questão inicial, podemos concluir que o papel documentário no curso de jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) é significativo e multifacetado, refletindo sua importância na formação dos estudantes. As memórias e experiências relatadas, mostram que o documentário não constitui apenas uma escolha popular para os TCCs, mas também é crucial para a prática educativa do curso, oferecendo aos estudantes uma forma de integrar e aplicar seus conhecimentos de maneira criativa e inovadora.

Devido a alta demanda, apontamos para a importância de discussão em torno do tema, como a criação de uma disciplina obrigatória, por exemplo. Iniciativas como esta, validariam e enriqueceriam a formação profissional do acadêmico, fazendo com que ele tenha clareza e propriedade na hora de defender seu trabalho na banca.

O valioso acervo de documentários em TCCs revelou também experiências estéticas que fundam novas discussões em torno do fazer jornalístico, desde a escolha de pautas,

enquadramento, seleção de fontes, relações que se estabelecem entre jornalista e personagem, da montagem das narrativas e por fim, das representações e sentidos que eles promovem e que, na maioria das vezes, incluem as imagens e palavras dos silenciados e invisibilizados, tomadas como uma forma de experiência política que se ocupam “do que se vê e do que se pode dizer sobre o que é visto, de quem tem competência para ver e qualidade para dizer, das propriedades do espaço e dos possíveis do tempo” (Rancière, 2009, p.17), pois essas personagens dificilmente estão inseridas em narrativas da mídia hegemônica.

Busquei ter em mente, os professores e acadêmicos do curso, que agora podem contar com um material compilado e de fácil acesso para eventuais consultas. Neste artigo não tive a pretensão de resolver a questão da videorreportagem *versus* documentário, nem prescrever um manual rígido que diferencie os dois, mas agregar possibilidades a uma história em construção, a história do documentário no Curso de Jornalismo da UFSC.

## REFERÊNCIAS

CROCOMO, Fernando. Entrevista concedida a Caroline Westerkamp Costa. Florianópolis, 7 jun. 2022.

DUARTE, Jorge. **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação** - 2ª ed. São Paulo: Atlas, 2006.

EMERIM, Cárilda. Entrevista concedida a Caroline Westerkamp Costa. Florianópolis, 20 jul. 2022.

GREVE, Vitória. Entrevista concedida a Caroline Westerkamp Costa. Florianópolis, 8 jun. 2022.

GUIDOTTI, Flávia. Entrevista concedida a Caroline Westerkamp Costa. Florianópolis, 5 jul. 2022.

KNIHS, Luís Entrevista concedida a Caroline Westerkamp Costa. Florianópolis, 13 jun. 2022.

MAXIMIANO, Ana Carolina. Entrevista concedida a Caroline Westerkamp Costa. Florianópolis, 9 jun. 2022.

MEIHY, José Carlos S. B.; SEAWRIGHT, Leandro. **Memórias e narrativas: história oral aplicada**. São Paulo: Contexto, 2020.



MEIHY, José Carlos Sebe. **Manual de História Oral**. São Paulo: Edições Loyola, 2a. ed., 1998.

MORAES, Áureo. Entrevista concedida a Caroline Westerkamp Costa. Florianópolis, 20 jul. 2022.

MOYA, Isabela. Entrevista concedida a Caroline Westerkamp Costa. Florianópolis, 8 jun. 2022.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. São Paulo: Papyrus, 2005.

POSTEMA, Stijn; DEUZE, Mark. Artistic Journalism: Confluence in Forms, Values and Practices, *Journalism Studies*, 21:10, 1305-1322, Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/epub/10.1080/1461670X.2020.1745666?needAccess=true> Ano. 2020. Acesso em : 10 abril 2021

RAMOS, Fernão Pessoa. **Mas afinal... o que é mesmo documentário?** São Paulo: Senac/SP, 2008.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do Sensível: estética e política**. Tradução: Mônica Costa Netto. 2a Ed, São Paulo; Editora 34, 2009. p.72.

SALLES, João Moreira. A dificuldade do documentário. In: **Encontro da Anpocs**, 2004.

SBRAGIA, Piero. **Novas Fronteiras do Documentário**. São Paulo: Chiado Books, 2020

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. **Repositório Institucional da UFSC**. Tem como missão: armazenar, preservar, divulgar e oferecer acesso à produção científica e institucional da UFSC. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/>. Acesso em: 20 jan. 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. Departamento de Jornalismo. **Regulamento do Curso de Graduação em Jornalismo**. Florianópolis, 2015.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. Departamento de Jornalismo. **Regimento para Elaboração de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)**. Florianópolis, 2013.